

Vítimas da Estabilização

As dificuldades enfrentadas pelo sistema financeiro, depois que o Plano Real derrubou a inflação de 45% ao mês para 1,2% ao mês (média do segundo semestre do ano passado), comprovam que as atividades econômicas que se beneficiavam do processo inflacionário vão passar por severo ajustamento. A começar pelo próprio Banco Central.

A crise do sistema financeiro não pode ser creditada apenas aos planos de estabilização, que fizeram desaparecer, a partir de 86, a principal fonte do lucro fácil dos bancos: o *float* financeiro sobre os depósitos à vista e recursos de impostos. Basta lembrar que o ano de 1985 marcou a intervenção do Banco Central em três grandes bancos: Sul Brasileiro (estatizado como Banco Meridional), Comind e Auxiliar.

A questão é mais ampla, e está ligada ao nosso modelo de desenvolvimento, que passou a apresentar, a partir dos anos 70, acentuada presença do Estado na área empresarial e na própria liderança do processo de desenvolvimento, mediante subsídios e concessões ao setor privado. Tudo isso agravado por um cenário de economia fechada à concorrência externa, que facilitava a atuação dos cartórios, oligopólios e monopólios, com grande prejuízo para o consumidor brasileiro.

Nas economias de mercado, o sistema financeiro é fundamental à formação da poupança nacional, sob a forma de capital acionário ou financeiro, como suporte ao desenvolvimento. Ao sistema financeiro cabe reciclar a poupança nacional para a produção e o consumo, com o menor custo possível.

Nas economias de planejamento central, tentou-se suprimir a existência de um mercado capilar de capitais. Os bancos estatais assumiram o controle da poupança e a realocação dos recursos. Depois de mais de 50 anos de testes, a experiência provou não dar certo.

No Brasil, procurou-se algo impensável no exterior: a coexistência entre um mercado financeiro capilar, de controle majoritariamente privado, e uma economia com tal presença governamental que o Estado se transformou, desde o início dos anos 80, no maior tomador de créditos. Era óbvio que o sistema não poderia ser bom para o país.

Os manuais de técnica bancária ensinam que não se deve dar crédito a quem está falido ou apresenta situação patrimonial incapaz de honrá-lo. Era essa, exatamente a situação do Tesouro Nacional (e dos principais tesouros estaduais), que transformou seus papéis nos principais ativos do sistema financeiro brasileiro. Ao lado dos ganhos do *float*, essas eram as maiores fontes dos gordos lucros dos banqueiros.

Apesar de seus defeitos, o Plano Cruzado desnudou a situação do setor público e do sistema financeiro, que ganhava dinheiro no financiamento diário do déficit público. Os bancos que perceberam que os dias dos lucros fáceis tinham ficado para trás e investiram na modernização, enxugando custos mediante emprego da informática e da automação, estão conseguindo resistir à hora da verdade do Real. Os bancos estaduais e os privados que recorreram a receitas pouco ortodoxas estão sendo derrotados pelo *darwinismo*. Chegou o momento de mudar tudo.